



Revista Filosofia Capital
ISSN 1982 6613

Vol. 5, Edição 10, Ano 2010.

**A TEORIA ORTEGUIANA DOS VALORES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO
DO TÓPICO AXIOLOGIA EM FILOSOFIA CLÍNICA**

Jair Pereira Paim
jairppaim@hotmail.com



Mato Grosso-MT
2010



**A TEORIA ORTEGUIANA DOS VALORES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO
DO TÓPICO AXIOLOGIA EM FILOSOFIA CLÍNICA**

Jair Pereira Paim¹
jairppaim@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo abordaremos alguns aspectos do pensamento orteguiano sobre os valores. Para Ortega o ser humano deve seguir sua vocação, mas isto não significa construir um caminho existencial à margem do mundo, pois uma vez lançado ao mundo, mesmo sem sua própria escolha, é neste mundo que ele pode construir sua saga existencial. O mundo é anterior à sua própria vida, portanto já traz um formato – a cultura já constituída – que lhe ajuda a dar uma direção em sua vida. Mas o ser humano não pode fugir à sua vocação, também não pode torná-la um agir de qualquer maneira, pois existem os outros, e suas atitudes devem ser analisadas com a razão vital; um fato a favor da sua vocação é que todas as atitudes que deve tomar para concretizá-la, pois, é comum às outras pessoas. A ação moral orteguiana parte do próprio indivíduo, assim também é visto pela Filosofia Clínica, então veremos as correlações e contribuições que Ortega oferece ao estudo do Tópico Axiologia.

Palavras-Chave: Razão vital – Cultura – Vida – Moral – Axiologia.

Introdução

Na Filosofia Clínica tornou-se comum usar a conhecida frase de Protágoras que nos diz que o “o homem é a medida de todas as coisas”. É comum pelo simples fato de não poder prescindir de um de seus princípios, pois cada um possui uma régua para mensuração de seu mundo, isto se encaixa perfeitamente com uma frase de Fernando Pessoa: “O mundo não é idéia minha, a minha idéia de mundo que é idéia minha”. Não levantamos a bandeira do idealismo, pois José Ortega y Gasset já nos alertou a sua insuficiência para a apreensão da realidade. Mas procuramos demonstrar que cada pessoa possui uma maneira de mensurar o mundo que o circunda. Que cada pessoa tem uma idéia sobre as coisas que lhe são importantes. Se alguém quiser mensurar este mundo, sobre questões axiológicas, epistemológicas, éticas, ele terá que ver as circunstâncias que o envolvem e que se relacionam

¹ Possui graduação em Bacharelado (2005) e Licenciatura Plena (2007) em Filosofia – UFMT-Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente é professor efetivo da SEDUC-MT.



diretamente com sua vida. Então é a partir de sua vida que o mundo é compreendido, que as coisas são apreendidas. Pois se a realidade é a partir de minha própria vida, posso fazer minhas decisões, sejam elas arbitrárias ou não? Não tenho contas a prestar? Os meus valores seguirão apenas as “minhas medidas”? Posso seguir apenas as minhas verdades subjetivas? Bom, essas perguntas foram levantadas justamente pelo fato de surgirem quando falamos em subjetividade, “minha vida” como base para compreensão da realidade da minha vida, surgem então, as decisões e caminhos a serem seguidos. Como devem ser minhas ações, os valores que aplico em minha maneira de ser, devem ser como uma obrigação, ou um agir que tenham a ver com a minha própria vida? Assim, lançamos a base para desenvolvermos a sistematização da teoria orteguiana dos valores e de como suas idéias nos auxiliam no estudo do tópico axiologia.

Cultura e determinação de valores

Dentro da história da filosofia encontramos filósofos considerados culturalistas, entre estes Ortega y Gasset. A humanidade vê-se permeada pela cultura, que possui determinadas características em uma época, e outras em outros momentos. A cultura não é engessada, mas pode se moldar quando as circunstâncias a direcionam com determinados aspectos, e assim servir a vida humana. Esta visão sobre a cultura tem uma peculiar razão, pois precisamos ter um olhar especial sobre algo que se mostra como uma das formas de desvendar a existência humana². Sobre a cultura vejamos uma referência a Ortega por Luís de Araújo:

A este propósito, cabe aqui uma referência ao papel fundamental da Cultura que ele sempre considerou como “uma necessidade imprescindível de toda a vida, uma dimensão constitutiva da existência humana” e que, além disso, só terá verdadeiro sentido enquanto serve justamente cada vida humana.³

O sentido que encontramos quando vemos a afirmação: “a cultura serve a vida”, é por vermos uma oferta de parâmetro para dar um direcionamento numa vida sem conteúdo, vazia, algo que está sempre num vir-a-ser. Portanto, quando o homem chega ao mundo ele encontra tudo por fazer, ele precisa projetar-se existencialmente, e a pergunta por excelência é: por onde começar? Bom, pode ser através da Cultura, os homens que o antecederam já se encontraram na mesma situação, e muitas questões já foram pensadas, instituídas, as mesmas inquietações que o acomodam já foram alvo de apreciação, portanto, quando nascemos já

² CARVALHO, José Maurício de. **Problemas e Teorias da Ética Contemporânea**, p. 63.

³ ARAÚJO, Luís. In: AMOEDO, Margarida L. Almeida (org.). **José ortega y gasset**, p. 02 e 03.



encontramos uma Cultura que nos antecede. Se precisamos, uma vez participantes de um espaço, que nos relacionar com outras pessoas, não podemos deixar os valores de nossos atos de lado, como se fossem um nada. José Maurício de Carvalho nos esclarece que a experiência moral dentro da realidade de cada um depende de uma dimensão histórica, cultural, somado a um valor de fundo psicológico. Assim, “o comportamento ético não se faz sem referência a normas e valores externos ao indivíduo”⁴.

Até agora mostramos um aspecto do problema ético orteguiano como produto da cultura, outro aspecto é justamente o problema ético “como problema pessoal, como manifestação da espontaneidade vital e respeito a uma vocação”⁵, logo estaremos esclarecendo este segundo aspecto.

Para esclarecer a teoria orteguiana dos valores temos que ter esta peculiar atenção à questão da Cultura, pois “é o homem o construtor da história e da cultura e todo valor é vivido nesta circunstância”⁶. A questão é que os outros são componentes da minha circunstância daí que minhas ações embora partam de minha vida, todas terão relação direta com as circunstâncias que a envolvem. Luís de Araújo escreve sobre esta relação:

Mas se existe uma recíproca interação eu-circunstância, [...], compreende-se que aquela radical realidade não se poderá traduzir apenas num estado puramente subjetivo. Do que se trata é da tomada de consciência de uma íntima relação existente entre cada ser humano que pensa e age individualmente e os outros seres, seus semelhantes, componentes da sua circunstância.⁷

A moral orteguiana não se reduz a um estado puramente subjetivo, como vemos nesta citação. Se o homem precisa fazer suas escolhas, não pode abdicar do que herdou, da cultura que o envolve em suas circunstâncias, da sua relação com o outro. O outro nos oferece um legado, experiências e descobertas que marcam um ponto de referência, de partida. Embora a cultura estabelecida mostra-nos um caminho nas incertezas a responsabilidade cai inteiramente nos atos da pessoa, pois a sua vida é o ponto de partida para qualquer ação. Como vemos a seguir:

É um erro crer que a vida é uma operação receptiva, um transitar por entre as coisas, um sofrer passivo e gozar o que nos vem de fora... a vida não é recepção do que vem de fora; antes pelo contrário consiste em pura

⁴ CARVALHO, José Maurício de. **Problemas e Teorias da Ética Contemporânea**, p. 64.

⁵ Ibidem, p. 65.

⁶ Ibidem.

⁷ Araújo, Luís. AMOEDO, Margarida L. Almeida (org.). **José ortega y gasset**. In: *Actualidade do Pensamento de José Ortega y Gasset*, p. 06



actuação; viver é interferir; portanto, um processo de dentro para fora, em que invadimos nosso contorno com atos, obras, costumes, maneiras, produções, segundo o estilo originário que está prescrito na nossa sensibilidade.⁸

Viver é atuar. É na dimensão de minha vida que faço minhas escolhas, é uma relação direta com minhas circunstâncias. Ortega nos esclarece José Maurício de Carvalho, insiste que estamos a todo o momento escolhendo⁹: ao escrever um artigo para uma revista, um jornalista escolhe suas palavras, o impacto que causará no leitor, e a resultante da sua ação intelectual; um médico que trabalha em uma emergência de hospital, a todo o momento escolhe qual procedimento tomar, de como sanar a dor daquele paciente, ou simplesmente alcançar números para que as estatísticas mostrem quantidade; até mesmo a simples escolha de passar ou não em um sinal vermelho no semáforo; ajudar ou não um deficiente visual que deseja atravessar a rua movimentada; decisões que tendem ao infinito. É a possibilidade de escolher que proporcionará o meu viver, e “o viver é fruto dessas escolhas que fazemos todo o tempo”¹⁰. Com este esclarecimento mostramos um aspecto do viver, de como a moral permeia nossos atos, nossas escolhas, e podemos dizer que:

[...] se a vida é um conjunto de escolhas, se ela se torna aquilo do que foi composta, então as escolhas que se faz adquirem importância, a vida é constitutivamente moral.¹¹

É nesse aspecto que encontramos em Ortega uma apreciação da questão da moral, “pensada no contexto da vida”¹².

Não encontraremos em Ortega um tratado sobre ética, mas como vemos inseparável a questão moral dentro de um contexto das escolhas da vida de cada um, é nestes termos que a veremos. Luís de Araújo nos diz que “Ortega y Gasset nunca escreveu uma ética; porém, é absolutamente discernível o quadro das coordenadas morais que sempre se moveu o seu pensamento”, e como o pensamento de Ortega não se priva da razão vital, a vida está no centro da sua filosofia e a questão ética, moral, possui uma forma peculiar na filosofia orteguiana.

Em Agostinho de Hipona encontramos uma ética teleológica. Christoph Horn nos diz

⁸ ORTEGA Y GASSET, José. Citação retirada de: AMOEDO, Margarida L. Almeida (Org). **J. ortega y gasset**, In: Actualidade do Pensamento Ético de Ortega y Gasset por Luís de Araújo (Universidade do Porto), p. 06.

⁹ CARVALHO, José Maurício de. *Problemas e Teorias da Ética Contemporânea*, p. 67.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem.



que:

[...] o ponto de partida da ética agostiniana reside na observação de que o agir humano se dá na base de uma tendência de ação unitária, embora geralmente inconsciente para o ator.¹³

Também vemos um esclarecimento do alvo almejado pelo homem; na sua visão, também pelo filosofar, que é a busca da felicidade. Este ponto de vista parte de uma tese que no ser humano há implantado uma tendência a buscar o bem mais elevado que é a felicidade, e esta tendência só cessa quando a encontra. Este é o primeiro aspecto da ética teleológica agostiniana. O segundo aspecto seria o agir corretamente, e este agir é normativo, pois “age corretamente quem realiza consciente e racionalmente a tendência nele implantada”¹⁴. Em resumo a ética agostiniana vai afunilando e direcionando o homem na busca do *summum bonum*, que representa a felicidade almejada, que é o próprio Deus.

Em comparação com a ética orteguiana, que tem a vida no centro das atenções, aqui, vemos uma ética normativa, e quando apresentamos uma ética que tira de foco o contexto da vida de cada um, vemos algo que precisa ser superado, e é isso que fez Ortega quando pensou a moral dentro das ações que brotam de cada pessoa, a busca não é de um bem externo, mas de realizar a sua própria vocação, tenha ou não o cristianismo como circunstância da sua vida. Ortega pretende com sua filosofia superar o niilismo, é aqui e agora que as coisas podem e devem ser feitas, a vida é um vir-a-ser, a responsabilidade é de cada indivíduo, não é em outro momento que posso ver a resultante dos valores que atribuo aos meus atos, mas quando estou a viver e a realizá-los. Em Ortega não pode haver uma ação inconsciente do ator, mas uma ação cujo fundamento é a razão vital, existe a consciência de que os atos humanos estão em estreita relação com as circunstâncias que o envolvem, e se ele não as salva, não salva também a própria vida, com diz Ortega.

Temos também a ética deontológica de Kant com seu imperativo categórico: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal.”¹⁵ Há uma divergência da concepção moral de Ortega com a de Kant. Kant traz o primado da razão na solução das coisas, e a própria realidade das coisas são determinadas por leis universais, só que a procura desta solução se dá única e exclusivamente através da razão, e para Ortega nossas ações trazem a influência dos sentimentos e afetos, e sua aplicação é no

¹³ HORN, Christoph. *Filósofos da Antigüidade II – Do helenismo à Antigüidade tardia*. In: Agostinho – Filosofia antiga na interpretação cristã, p. 229.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, p. 129.



cotidiano da vida de cada um. Para Ortega “a experiência moral é o contraponto da interpretação cultural da formulação das normas e princípios”.¹⁶ Normas e princípios externos ao indivíduo, engessados, nem sempre será condizente com a maneira de ser de uma pessoa, serão formas que continuarão vazias, pois pode não haver relação entre a maneira que quero viver, ou agir, escolher, e dentro destas ações os valores que lhes atribuo, e a que me é determinada, como detentoras de um valor, numa ordem imperativa: age desta ou daquela maneira.

Vocação e os Valores

Um outro aspecto da filosofia orteguiana concernente à questão moral é a vocação. A realidade radical da minha vida, as circunstâncias que a envolvem, as escolhas que faço, e o projeto existencial que executo e construo a cada momento, como algo que nunca está terminado, mas sempre num vir-a-ser. Em meio a tudo isso, posso seguir uma vocação, que seria uma propensão a uma realização, e se a realizo, tenho uma vida autêntica, mas se não, há um comprometimento com a moral. Vejamos como nos esclarece esta questão José Maurício de Carvalho, complementando com uma citação de Ortega:

A moral, para Ortega, é, portanto, algo que compromete radicalmente o indivíduo concreto. Não é um ideal intelectual, não é um rumo frágil que possa ser facilmente mudado. O homem moral é aquele que se entrega completamente a uma causa, vida moral é fidelidade a uma vocação. Afirmo o filósofo: “Declaro que não conheço outro traço mais certo para distinguir um homem moral de um homem frívolo que o ser capaz de dar sua vida por algo” (Ortega y Gasset. Introducción a um Don Juan. O. C., v. VI, 2. ed. 1997, p. 136).¹⁷

O sentido que encontramos ao dizer que o homem precisa seguir sua vocação é especificamente por necessitar seguir seu projeto existencial, se o homem “não tem natureza, mas sim história”¹⁸, portanto, somente dentro de um esquema de alteridade, nunca excluindo o papel da socialização deste seu projeto dentro de uma amplitude maior em que estão inseridos os outros seres humanos é que veremos sua história, e esta, numa imbricação com outras histórias, mais precisamente de suas circunstâncias com as circunstâncias de seus semelhantes. É desta maneira que poderemos ver a amplitude de uma vocação responsável,

¹⁶ CARVALHO, José Maurício de. **Problemas e Teorias da Ética Contemporânea**, p. 66.

¹⁷ op.cit. p. 68-69.

¹⁸ ORTEGA Y GASSET, José. Citação retirada de: AMOEDO, Margarida L. Almeida (Org). **J. ortega y gasset**, In: Actualidade do Pensamento Ético de Ortega y Gasset por Luís de Araújo (Universidade do Porto), p. 08.



não com suas ações normatizadas, mas detentoras de um projeto vital, dentro de uma intersubjetividade, não de um subjetivismo isolado do mundo.

Dentro deste esquema vemos também oriundo de Ortega o imperativo de Autenticidade. Isto vale dizer o meu viver tem que ser autêntico, conseguinte, se sigo a minha vocação, e não uma ação externa que nada tem a ver com a minha vida, isso se concretiza, pois “costumam apresentar-nos como necessário um repertório de ações que outros já executaram e nos chega aureolado por uma ou outra consagração”¹⁹. Não é isso que Ortega nos propõe, mas que sigamos ações oriundas das minhas escolhas, pois somente dentro desta possibilidade é que posso lhes atribuir valores, e situá-las dentro de uma objetividade. É possível que nossas ações sejam objetivas, tirando qualquer incompreensão de um puro subjetivismo, ou solipsismo, mas um agir dentro de um esquema mais amplo em que estão incluídas as outras circunstâncias, pois se vivemos num espaço cultural, onde a alteridade se faz presente, é o quanto vai de mim ao outro resultante das minhas escolhas que determinaram se estou seguindo a minha vocação ou não, se há um estado de nobreza nos meus atos, ou se identificamos como nos esclarece Luís de Araújo, referindo-se a uma influência de Nietzsche a Ortega, uma “vida ascendente”, ou os atos deteriorados de uma ação infame de “vida descendente”. Aqui existe uma dinâmica indiscutivelmente na ênfase de uma busca, ao alcance daquele que segue sua vocação, a busca daquilo que é bem, algo acima da busca que conduz a um bem²⁰.

Assim vemos os dois principais aspectos de uma sistematização da teoria orteguiana dos valores, a dimensão histórica, cultural, que vai dar uma amplitude para a realidade de cada um, possibilitando-o a uma experiência moral; e a vocação, dentro de um aspecto de autenticidade, onde o ser humano poder realizar-se existencialmente, valorando seus atos em um “comportamento não intencional e não premeditado”²¹ culminando em uma ação exemplar²². De tudo isto não se pode esquecer que: “o centro da sua axiologia é a objetividade dos valores”²³, pois encontramos em Ortega a explicitação de uma intersubjetividade, a alteridade como componente das circunstâncias de cada ser humano, e a dimensão de suas ações que embora sejam oriundas de uma ação vital, e não podem ser de outra maneira,

¹⁹ ARAÚJO, Luís. In: Actualidade do Pensamento Ético de Ortega y Gasset. AMOEDO, Margarida L. Almeida (org.), *José Ortega y Gasset*, p. 11.

²⁰ Ibidem, p. 15.

²¹ CARVALHO, José Maurício de. *Problemas e Teorias da Ética Contemporânea*, p. 110.

²² Ibidem.

²³ Ibidem.



encontram no mundo uma necessidade de autenticidade comum aos outros seres humanos, se minhas ações possuem estreita ligação com minhas circunstâncias, não podemos esquecer que as circunstâncias se entrelaçam de um homem com o de outros, e minhas escolhas quando desprovidas da busca de minha vocação, pode ter resultante calamitoso para meu projeto existencial, sempre lembrando o que nos disse Ortega: se não salvo as minhas circunstâncias, não salvo a mim mesmo.

Contribuição de Ortega ao Estudo do Tópico Axiologia

Agora traremos algumas considerações sobre o Tópico Axiologia. Vejamos esta referência retirada dos cadernos utilizados no estudo da Filosofia Clínica. Lúcio Packter nos diz no Caderno E:

A Axiologia é uma medida sanitária em Filosofia Clínica. Ela nos mostra o que é importante à pessoa, quais os critérios desse valorar, os motivos subjacentes às palavras, a estruturação do valor que leva alguém a preferir X ou Y.

Uma grande contribuição nos trouxe Lúcio Packter na compreensão deste ser complexo que é o ser humano. Quantas situações que se apresentavam e se apresentam como regras impostas socialmente, que impossibilitam inúmeras realizações, limitações das possibilidades humanas no seu caminho existencial e conseqüentemente seguir sua vocação. Verdadeiros grilhões que precisavam e precisam ser quebrados. Como vimos, os valores mudam de acordo com certas urgências, ou insurgências culturais, que moldam determinadas maneiras de agir, que ditam ações a serem tomadas pelos homens. Encontramos cabrestos que leva pessoas a seguirem esta ou aquela necessidade imposta. Por exemplo, lá pelos dezessete anos deve terminar o Ensino Médio, passar no primeiro vestibular, reprovar algum ano na faculdade, nem pensar. Logo que terminar a faculdade, entrar no tumultuado e concorrido mercado de trabalho, se destacar, é agora ou nunca. Etapa encerrada, agora é hora de encontrar uma companheira, estudos já foram terminados, já possui alguma experiência profissional, chegou esta etapa, constituir família. Ter no máximo dois filhos, senão financeiramente fica difícil, de preferência um filho do sexo masculino, e outro pode ser uma garota. Bom, tudo feito, as coisas precisam ser estruturadas, uma casa, dois carros na garagem, e possibilidade de fazer pelo menos uma viagem ao ano. Por incrível que pareça existe pessoas que traçam planos desse tipo, e nem são para elas mesmas, mas para os filhos. O que é importante para o filho, sua vocação, seu desejo de prosseguir este ou aquele



caminho, não é levado em conta. Vocação não se resume aqui em questões profissionais, mas todas as possibilidades humanas dentro de qualquer projeto existencial. Quando nos defrontamos com a Filosofia Clínica, começamos a ver as coisas com uma maior clareza, quando pensamos em impor alguma coisa, já podemos antes fazer uma pergunta: O quanto isso é importante para aquela pessoa? Talvez suas escolhas sejam outras, a sua Busca seja completamente diferente daquilo que pensei até este momento. Os critérios do valorar nunca serão de outrem, mas oriundas da própria pessoa, mesmo que seja por Recíproca de Inversão, por exemplo, uma pessoa que possua este Tópico em sua Estrutura de Pensamento, e quando vai falar de sua vida na colheita de sua historicidade, a vemos falar da vida de seu pai, sua mãe, de seus irmãos, em alguns pontos torna-se inversiva, fala sobre sua vida, fica em seu mundo, mas tem como característica ser recíproca inversiva. Mesmo trazendo o mundo da outra pessoa para o seu, este será o seu mundo. Se trago para o meu mundo os valores de outros, mas condizente com minha Estrutura de Pensamento, não causando nenhum choque com outros tópicos, mas numa possibilidade autogênica perfeita, não há problema algum. E quando a busca é bem definida pela pessoa e surge de uma atitude inversiva, tem sua origem a partir de seu mundo, dentro de valores que ela própria ergue, escolhe, vemos a possibilidade de seguir sua vocação. Mas se encontramos alguém cuja Estrutura de Pensamento não faz uma recíproca de inversão dentro de determinadas questões de sua vida. Talvez as imposições sejam elas ligadas ao Tópico Como o Mundo Parece Fenomenologicamente, as macro concepções sociais ligadas à família, igreja, valores imputados, mesclados com o ensino regular não farão mudança nos valores que esta pessoa possa erigir para si. É o que ela escolhe, neste momento em que sua Estrutura de Pensamento está organizada desta maneira, as coisas serão assim.

Aqui começamos a falar de Ortega e direcionar sua contribuição nestas questões. Vemos tanto em Ortega y Gasset quanto em Lúcio Packter uma preocupação no esclarecimento sobre os valores, precisamente quando dizemos que os valores partem da pessoa, em Ortega encontramos o que ele chama de realidade radical, uma realidade que parte da própria vida da pessoa. Na Filosofia Clínica quando do encontro do Filósofo Clínico com seu Partilhante o ponto de partida é a própria vida da pessoa, seja descrito pela própria pessoa ou por outrem através da historicidade. Vemos uma concordância quando dizemos que os valores partem da pessoa. Mas a preocupação é precisamente no perigo de um solipsismo onde só existam as verdades da pessoa. Ambos os filósofos não vêem assim. Lúcio Packter



nos alerta que:

Muitas vezes a verdade subjetiva de uma pessoa pode se associar harmoniosamente, ou colidir, ou negar, ou aumentar, ou refletir, ou evitar a verdade convencionada. Imagine o que aconteceria se você resolvesse namorar as mulheres de seus amigos exatamente na sociedade em que vivemos... Portanto, mesmo que cada um tenha uma verdade própria, isso não quer dizer que a pessoa tenha o direito de fazer aquilo que lhe dá vontade sem ter de prestar contas por isso.²⁴

Como vemos, quando dizemos que cada pessoa possuiu uma maneira de mensurar sua realidade, isso não quer dizer que possa agir de qualquer forma, José Ortega y Gasset nos fala sobre uma Moral Social que “se refere às formulas que procuram resolver os conflitos dos homens na vida social, no trato urbano, no convívio coletivo”²⁵. Por isso os valores se apresentam como objetivos e instituídos culturalmente, portanto, deve existir limites nas ações humanas. As escolhas devem preferir sempre a vida, o homem não pode se desumanizar, se isto ocorre, ele não cumpre sua vocação. Ortega também fala sobre uma Moral Íntima que “se preocupa em resolver os conflitos interiores, de pôr ordem na barafunda dos instintos e impulsos”²⁶. Esta Moral Social mostra caminhos a serem seguidos, parâmetros de decisões e estruturação dos valores aplicados no espaço social em que se vive. A Moral Íntima mostra a interioridade humana, reflexo do que foi apreendido e preservado e que servem como referência para as ações desencadeadas pelas paixões.

Ortega nos diz que os valores possuem objetividade, pois vivemos em um mundo onde a própria cultura já apresenta diretrizes para que as pessoas possam direcionar sua vida. Pois alguns valores são comuns a todos. Os valores que considero importantes, e que aparecem nas resultantes de minhas ações são valores para um viver, portanto, em relação com alguma coisa. E a autenticidade do meu viver aparecerá quando condizente com a realidade dos outros. Ortega nos diz que:

[...] a maior parte do que temos que ser para ser autênticos é-nos comum com os demais indivíduos de nossa época.. é que certas dimensões da nossa vida pessoal não são de conteúdo individual, mas, pelo contrário, comuns a todos ou como se costuma dizer com termo antiquado, ‘objetivas’... a sua autenticidade consiste em obrigar-se à verdade objectiva”²⁷.

Portanto, as circunstâncias de minha vida abrangem outras realidades, e quando faço

²⁴ PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: Propedêutica**, p. 24.

²⁵ CARVALHO, José Maurício. **Problemas e Teorias da Ética Contemporânea**, p. 80.

²⁶ Ibidem.

²⁷ ORTEGA Y GASSET, José. Citação retirada de: AMOEDO, Margarida L. Almeida (Org). **J. ortega y gasset**, In: *Actualidade do Pensamento Ético de Ortega y Gasset por Luís de Araújo* (Universidade do Porto), p. 12.



minhas escolhas e para não ocorrer no grande desastre de não salvar a mim mesmo, devo ver que estas escolhas que faço podem aniquilar outras vidas, é aqui, neste ponto que um possível solipsismo é anulado, descartado completamente. Como a citação acima esclarece “é que certas dimensões da nossa vida pessoal não são de conteúdo individual”, portanto existem ações, decisões, escolhas que devem ter seu conteúdo direcionado para a coletividade. E se isso não acontece pode ocorrer no perigo de não sermos autênticos, se não seguirmos nossa vocação. Pois é somente dentro de um projeto existencial, que necessita necessariamente de autenticidade, cada um precisa ser ele mesmo, dentro da sua realidade radical, para que a verdade que se imbrica com sua própria vida lhe dê possibilidade de concluir seu projeto.

Assim, vemos como as idéias orteguianas sobre os valores nos auxiliam no estudo do Tópico Axiologia. Em Clínica avaliamos aquilo que é importante à pessoa, localizamos este Tópico quando vemos o partilhante se referir a isto ou aquilo como algo importante para si. Na Filosofia Clínica o aspecto importante de cada ser humano é sua subjetividade, os Filósofos Clínicos no consultório lidam com verdades subjetivas, e nesta questão Ortega nos esclarece esse aspecto da subjetividade, pois existem escolhas que seguem caminhos únicos do ser humano, são as escolhas que se referem apenas a sua vida, mas também existe uma moral social, onde o aspecto subjetivo do ser humano não é sublimado, mas se torna algo fundamental na realização de sua vocação, lembrando que essa subjetividade não é um estado de solipsismo, mas sim uma subjetividade que se insere em um contexto maior onde estão outras pessoas, e minhas escolhas acontecem nesta amplitude, portanto em Ortega essa moral resultante das minhas escolhas se tornam objetivas, as possibilidades para que essa moral se realize é no momento em que a pessoa vive, onde traça e realiza a saga do seu caminho existencial.

Considerações finais

Abaixo mostramos alguns dos aspectos principais do auxílio orteguiano para estudo do Tópico Axiologia em Filosofia Clínica.

Embora a Filosofia Clínica lida com verdades subjetivas, esta subjetividade quando se volta para a questão dos valores precisa ser aplicada de forma objetiva. Esta objetividade é uma necessidade, pois cada ser humano precisa ser autêntico, seguir sua vocação, e a maioria das atitudes humanas que possibilitam esta autenticidade são comuns aos outros seres



humanos. Portanto existe um parâmetro cultural e uma moral social que precisa ser levada em consideração quando atribuímos valores às nossas escolhas.

Ortega considera a vocação como uma necessidade para que a moral exista em cada vida, é imprescindível que cada um siga sua vocação, que é pessoal e intransferível, pois parte da realidade radical de cada vida. Então, a Filosofia Clínica terá sempre a sua postura de suspensão de juízo sobre as atitudes morais de cada ser humano, não criando tipologias ou normas para que as pessoas sigam, mas compreendendo que cada um possui sua forma de ser, mas nunca considerando um estado de solipsismo, onde existam apenas as verdades da pessoa.

Finalizamos comentando o principal aspecto da filosofia orteguiana dos valores, que é a objetividade dos valores. Entendemos que a objetividade dos valores ganha consistência quando vemos o aspecto de uma inter-correlação entre razão e vida. A objetividade ganha consistência no mundo em que estou inserido, um mundo onde não posso anular e criar, como fez Platão, um mundo das idéias, mas preciso, sim, colocar os pés no chão como fez Aristóteles em contraposição a Platão, neste chão encontramos inúmeras vidas de onde brota cada realidade numa perspectiva única que é a partir da realidade de cada um, que é a realidade radical apresentada por Ortega. Existem pessoas ao meu redor, seres humanos, com os quais me relaciono. Onde encontro sentido para os meus atos? Ortega diz que é através da Cultura. É através da razão vital que o homem poderá caminhar na execução do seu projeto existencial, é a partir de sua vida, mas com um parâmetro Cultural estabelecido. Ele terá que tomar decisões que serão de suma importância para que tenha uma vida autêntica e cumpra a sua vocação. O mundo que me circunda e as pessoas que fazem parte das minhas circunstâncias sofrerão os resultados de minhas escolhas, e minha autenticidade em conjunto com minha vocação podem ser anuladas se desconsidero que minha vida ocorre numa inter-relação de circunstâncias e numa intersubjetividade.



REFERÊNCIAS

AMOEDO, Margarida I. Almeida (organizadora); *José Ortega y Gasset*; Évora: Univ. de Évora, 2007.

CARVALHO, José Maurício de (Organizador); *Problemas e Teorias da Ética Contemporânea*; Porto Alegre: EDIPUCRS; 2004, 381p.

KANT, Immanuel. *Textos Seleccionados / Immanuel Kant*; seleção de textos de Marilena de Souza Chauí; traduções de Tânia Maria Bernkopf, Paulo Quintela, Rubens Rodrigues Torres Filho; Col. Os Pensadores; São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KLEE, Paul. **Park bei Lu** – 1938. Disponível em: <http://www.pintoresfamosos.com.br/klee>. Acesso em: 24/11/2009. (Imagem – Marca D'água).

MICHAEL ERLER E ANDREAS GRAESER, Orgs. *Filósofos da Antigüidade II – Do helenismo até a Antigüidade tardia*. Trad. Nélío Schneider; São Leopoldo: Editora Unisinos; 2002, 304 p. *Revista de Estudos Orteguianos*, nº 06, 2003.

